



PAULA, Anna Beatriz; LE BLANC, Claudine. Apresentação. In: *Revista Épicas*. Ano 3, N. 5, Jun 2019, p. 1-3. ISSN 2527-080-X.

## APRESENTAÇÃO

Anna Beatriz Paula  
Universidade Federal do Paraná

Claudine Le Blanc  
Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3

A proposta da organização deste número da *Revista Épicas*, que intitulamos “A Ásia Épica (1)”, por pretendermos ampliar as discussões sobre o mesmo tema em outras edições, partiu de uma questão principal: existe algum sentido em se pensar sobre a epopeia dentro do espaço asiático, onde há áreas notavelmente ricas em tradições épicas (Pérsia, Índia, Ásia Central, Tibete, Sibéria, Japão, etc.) e também a China, muitas vezes citada como um exemplo de civilização sem epopeia? Para essa questão há reflexões contextuais necessárias.

Como sabemos, a amplitude e a diversidade das produções épicas na Ásia foram consideradas a partir da ideia do “épico oriental” apreciada no século XIX, que se referia muitas vezes a produções épicas antigas, como *Gilgamesh* e as epopeias sânscritas. Se foi possível publicar um volume sobre *Les épopées d’Afrique noire* (KESTELOOT e DIENG, 2009), com as produções épicas asiáticas não ocorreu o mesmo: presentes várias delas em obras coletivas com viés comparatista (LABARTHE, 2004, FEUILLEBOIS-PIERUNEK, 2011), elas permanecem excluídas do *Cambridge Companion to the Epic* (2010) – com a

notável exceção de Gilgamesh – e não dão origem, em qualquer caso, a uma reflexão específica.

O mundo asiático, no entanto, apresenta um caso notável de difusão épica, o do *Rāmāyaṇa* indiano no Sudeste Asiático e na Indonésia, exemplificando a unificação de um vasto espaço por meio da epopeia, que contém, ela própria, uma história de viagem (*ayaṇa*), e cuja difusão leva à metamorfose.

Diante desse quadro, imaginamos ser importante reunir estudos sobre a relação mantida pela epopeia oriental com aspectos como o deslocamento, a migração, a mobilidade geográfica e a configuração do espaço, e, a partir dela, refletir sobre outras questões dessa vez relacionadas à própria análise das epopeias: que sentido dar aos espaços percorridos nos textos? Como esses sentidos se articulam com o espaço percorrido pelos textos?

O dossiê “A Ásia épica (1)”, na edição que agora apresentamos e que pretendemos que se amplie em outras edições sobre o mesmo tema, traz três textos que, cada qual a seu modo, versam sobre essas e outras questões. Mina Isotani traz uma reflexão, centrada na figura do herói, sobre o romance épico *Miyamoto Musashi*. Tal como a autora apresenta em seu resumo, a partir de referências como Herói de Mil Faces (1989), de Joseph Campbell e Hagakure: the book of the Samurai (1979), de Tsunetomo Yamamoto, ela buscar estudar a presença do épico, na forma do romance, na literatura japonesa, enfocando a “jornada do guerreiro errante até a sua aclamação como símbolo da cultura do samurai”.

Ronan Moreau, por sua vez, toma como corpus a epopeia *Rāmāyaṇa* e centra duas reflexões na jornada de seus heróis, em especial nos objetivos da marcha do jovem príncipe Rāma, levando também em conta as “múltiplas geografias do épico, reais, lendárias e espirituais”.

Anna Beatriz Paula apresenta um estudo do poema *Savitri: uma lenda e um símbolo* (1940), de Sri Aurobindo, enfatizando a jornada heroica da personagem Aswapati e a releitura que Aurobindo faz da lenda de Savitri e Satyavan, do *Mahabharata* (Cantos 291-97). Além disso, destaca a presença da metodologia espiritual orientada pelo loga Integral (Purna Yoga).

Claudine Le Blanc, na versão em português de artigo publicado na revista *Études mongoles et sibériennes, centrasiatiques et tibétaines* em junho de 2014, tem como

corpus uma epopeia recente da tradição épica de *La Bataille de Piriya-pattana*, recitada em Karnataka (sul da Índia), cuja abertura, por apresentar um longo diálogo entre o rei Kodagu e sua esposa, faz dessa obra uma produção inovadora. A autora se propõe a discutir essa versão de *La Bataille de Piriya-pattana*, a partir da concepção bakhtiniana de “polifonia”, colocando essa concepção em contraste com o pensamento de Amartya Sen sobre os traços da literatura e da cultura indiana.

O dossiê 2, seção da *Revista Épicas* que traz versões em português de artigos publicados na revista *Le Recueil Ouvert*, do *Projet Épopée*, dirigido por Florence Goyet, apresenta uma reflexão – que, inclusive, dialoga com o dossiê temático – de Kuroiwa Taku sobre a presença da *Canção de Rolando* no Japão. Para isso, ele dimensiona as traduções de MAEDA, BAN, SATŌ e discute as diferenças e semelhanças entre elas.

Na “Seção livre”, encontraremos três artigos: de Ellen dos Santos Oliveira, O HEROÍSMO ÉPICO-CÔMICO: EXEMPLOS II, que se trata de uma abordagem ao texto híbrido que integra os traços épicos aos cômicos; a versão em português – A VITÓRIA DO VENCIDO – do posfácio de Florence Goyet ao livro *Permanence de la poésie épique au XXe siècle*, publicado pela PUF, em 2009, que constitui importante contribuição teórica para compreender as novas formas do heroísmo épico; e, de María Guadalupe Sánchez Robles, o estudo intitulado LA PROPUESTA NARRATIVA DE REFUGIO BARRAGÁN DE TOSCANO, NOVELISTA PIONERA, em que as relações entre história e literatura são enfocadas a partir do olhar para o feminino.

A seção “Relatos de pesquisa” apresenta duas contribuições: o estudo de Luana Santana, sobre a obra *Memorial de Rondon* (1995), da brasileira Stella Leonardos, com destaque para o recurso estrutural e estético da “invocação épica”; e, também em diálogo com o dossiê temático, “*When dreams travel: o empoderamento feminino na escrita de Ghita Hariharan*”, de Tatiana Mileo e Anna Beatriz Paula, que, a partir do conceito de “metaficção historiográfica”, de Linda Hutcheon, abordam o mito de Shahrzad, revisitado na obra de Hariharan.

Desejamos a todos/as excelentes leituras.